

## Adolescência Revisitada

JOÃO GOMES-PEDRO

*Unidade de Desenvolvimento  
Clínica Universitária de Pediatria – H.S.M. / F.M.L.*

Para Erikson a adolescência correspondia a um único período do ciclo de vida identificado com a grande problemática da resolução da crise de identidade, paradigma clássico desta fase tradicionalmente conotada como de transição entre a meninice e a adultícia.

Nas duas últimas décadas tem sido conceptualizado que a crise, tendo de facto a ver com a identidade individual tão própria dos colegiais ou liceais, não consegue explicar totalmente as preocupações e vicissitudes dos mais jovens adolescentes que, na resolução da sua crise global, passarão primeiro por uma tentativa de resolução da identidade de grupo. É neste contexto que Barbara e Philip Newman <sup>(1)</sup>, na senda da maioria dos autores contemporâneos, identificam dois períodos na adolescência – adolescência precoce e adolescência tardia – explicando assim, melhor, as crises psico-sociais desta fase tão significativa do desenvolvimento.

O período da adolescência precoce será assim caracterizado pelas bruscas modificações físicas, por uma maturação cognitiva bem significativa e por uma extraordinária sensibilidade e receptividade para as relações de grupo ou de pares. Nesta fase a resolução da identidade é algo que se constrói em oposição à alienação.

O segundo período da adolescência, também denominado de adolescência tardia, começará para os autores que o defendem, cerca dos 17-18 anos e prolonga-se por mais três, quatro anos.

Neste estágio do ciclo de vida processam-se mecanismos significativos de autonomia face à família, enquanto se consolida uma identidade mais individual ou, se se quiser, mais personalizada.

A crise psico-social deste segundo período da adolescência consubstancia o confronto entre a confusão e a individuação, em termos de identidade. Este segundo período corresponderá, afinal, à conceptualização de Erikson para o período global da adolescência <sup>(2)</sup>.

O início do período da adolescência precoce seria caracterizado, pelas referidas bruscas modificações físicas tais como uma explosão do crescimento, uma maturação rápida do sistema de reprodução, o aparecimento de características sexuais secundárias e, ainda, por uma

redistribuição do peso corporal. A variabilidade é enorme pois, começando as modificações, em média, nas raparigas pelos 11 anos e nos rapazes pelos 13, a evolução desde os botões mamários até à diferenciação dos órgãos genitais masculinos podendo demorar, assim, desde 1 ano e meio a 6 anos.

Estas diferenças individuais explicam como, na adolescência precoce, o agrupamento por idades surge biologicamente mais diverso do que o era em idade escolar.

De qualquer modo, tanto os rapazes como as raparigas experienciam fases paralelas de maturação física durante a adolescência precoce, muito embora com timings diferentes. Nesta perspectiva de adaptação distintiva, a rapariga constroi, dentro do seu grupo ou pares, estereótipos e estratégias solidárias de adaptação social em conformidade com as modificações biológicas de modo a atenuar eventuais quebras de auto-estima individual. Quando o grupo não é significativamente apoiante em função das transformações, podem surgir conflitos interiores que podem proporcionar uma má adaptação social.

O jovem adolescente, em todo este turbilhão que rodeia a sua adaptabilidade psico-social tem tendência a ficar mais egocêntrico e a envolver-se individualmente nas suas fantasias que o seu grupo, de um modo ou outro, tempera.

Os jovens sentem-se muitas vezes nostálgicos em função do que sentiam e do que eram e também face a algo que não sabem ainda bem o que vai ser.

As operações formais que a sua maturação cognitiva vai viabilizando, facilitam a apreciação dos jovens face à cumplicidade e relatividade do ambiente bem como face ao sentido de futuro.

Este raciocínio formal vai depender, em muito, da experiência de resolução de problemas que o curriculum escolar terá mais ou menos viabilizado.

Neste particular, também os pais e tutores desempenham um papel crucial em todo o processo adaptativo do jovem, nomeadamente no processo conflitual entre os papéis de grupo e os envolvimentos diádicos que uma relação com envolvimento sexual precoce pode precipitar.

O desenvolvimento emocional desta fase da adolescência precoce é algo de apaixonante ainda noutra esfera que é a da auto-avaliação individual.

Esta auto-avaliação processa-se sempre numa aferição dinâmica face ao grupo.

Toda e qualquer apreciação é essencial a cada jovem pois ela é sempre pressentida num contexto de maior ou menor aceitação do grupo.

As expectativas sociais do mundo são como que projectadas nesta estrutura vulnerável aos sentimentos do grupo os quais condicionam, de modo significativo, o sentido de competência de cada jovem.

Sabemos como as experiências de alienação do grupo, sobretudo quando não apoiadas pela família, nem sempre atenta, podem levar a comportamentos de falência na dimensão bipolar tão sensível que é a do eixo da resiliência/vulnerabilidade.

Um bom paradigma explicativo das emoções e das adaptações do jovem adolescente numa perspectiva do ciclo de vida é o que se passa com as suas experiências precoces de álcool ou droga.

O contacto com o álcool e, de um modo geral, com a cerveja, é condicionado pelas experiências de aceitação face ao grupo. Por outro lado, o jovem equipara, interiormente, as sensações que o álcool induz com muitas das sensações que a maturação da sua sensibilidade determina.

Por outro lado ainda, são as competências cognitivas crescentes, porventura ainda não estabilizadas num contexto social, que condicionam um certo encantamento de risco que o próprio grupo potencia.

A crise eriksoniana de identidade de grupo versus alienação vai condicionar as tensões tão conhecidas entre jovem e família.

Será fundamental o papel dos técnicos em ajudar as famílias a interpretar a pretensa violação das regras e hábitos não como uma guerrilha anti-familiar mas sim

como um processo moroso e complexo de alcance de uma efectiva independência que é preciso apoiar e, sobretudo, entender.

É neste processo adaptativo que podemos entender a pulsão auto-destrutiva do jovem e que todos identificarão com a gravidez, com as experiências de droga, com as bebedeiras, com a condução de risco, com os comportamentos de delinquência e com os ensaios de violência, que podemos e devemos ainda entender no contexto das influências culturais, elas próprias indutoras de expectativas, regras sociais e orientações valorativas.

Nesta dinâmica evolutiva, na adolescência tardia, cada jovem terá ou não sobrevivido ao turbilhão das experiências e das adaptações resolvendo cada um, à sua maneira e na sua cultura a sua própria crise psico-social.

No processo de resolução individual cada um terá alcançado a sua identidade integral que inclui um auto-conceito como alguém participante activo sexual, moral, político e, sobretudo, social, capaz de integrar família, experiências sexuais e um papel sócio-cultural progressivamente mais de acordo com expectativas individuais versus expectativas de grupo ou ambientais.

O sentido de resiliência, em função deste auto-conceito já próprio da adultícia, representa uma fenomenologia de confrontos ao longo dum processo tão longo quanto complexo, mas que marca, tal como dezoito anos antes, no período em que se foi bebé, a efectiva necessidade de dar sucesso a uma imaturidade, carente de sentido e de coerência.

É este o alerta para as famílias a assumir pelos técnicos.

#### BIBLIOGRAFIA

1. Newman BM, Newman PR. *Development Through Life: a psychological approach*. Brooks/Cole Publishing Company, Seded. Pacific Grove, 1991.
2. Erikson EH. *The life cycle completed: a review*. New York: Norton, 1982.